



Crônica - EM Tema: "Saber sonhar é saber ver"

*"Um mundo sem literatura se transformaria num mundo sem desejos, sem ideais, sem desobediência, um mundo de autômatos privados daquilo que torna humano um ser humano: a capacidade de sair de si mesmo e de se transformar em outro, em outros, modelados pela argila dos nossos **sonhos**."*

Mário Vargas Llosa ao receber o prêmio Nobel de Literatura, em 2010

A inesperada e discreta candidata à perfeição

A crônica:

"(...) parece mesmo que a crônica é um gênero menor. 'Graças a Deus', - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para vida, que ela serve de perto, mas para a literatura... Por meio dos assuntos da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição."

Antonio Candido. "A vida ao rés do chão". In. *Para gostar de ler: crônicas*. Ática, 2003. pp. 89.

Como afirma o escritor peruano Mario Vargas Llosa, a literatura funciona como uma espécie de argila que vai sendo moldada pelos nossos sonhos. Dito de outro modo, carregamos conosco a capacidade de moldar-nos em outro, em outros; assumimos diferentes formas por meio da literatura, ao escutarmos histórias, lê-las ou escrevê-las.

A crônica, embora se debruce fortemente sobre a realidade, sobre o cotidiano, ainda é capaz de oferecer a possibilidade de transfiguração. Ela humaniza ao atenuar a linha entre o real e o ficcional. Aliás, como postulado por Freud, "O sonho é a satisfação de que o desejo se realize". Ora, por que não "realizá-lo" em uma crônica?





Gênero híbrido com características do universo literário e do jornalístico, a crônica apresenta a visão do cronista sobre um fato colhido do cotidiano. Nessa despreensão, que parte de episódios banais, torna-se, de acordo com Antonio Candido, insinuante e reveladora, capaz de transformar a literatura em algo íntimo e que se relaciona à vida de cada um.

Cabe, portanto, ao cronista transformar o cotidiano em matéria para reflexão por meio da subjetividade de seu olhar. O que seria mais cotidiano que o sonho? Deste modo, convidamos, aqui, os alunos e alunas das 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio do Colégio Oswald de Andrade e das escolas parceiras: **criar uma crônica tendo em mente a temática dos sonhos**, ou seja, o universo do onírico deve estar presente em sua narrativa. O texto não deverá ultrapassar o limite máximo de 4.200 caracteres, incluindo espaços.

Abaixo, você encontrará textos motivadores – usem os exemplos como inspiração –, bem como os descritores avaliativos que serão utilizados pela banca examinadora dos textos. Leia-as atentamente.

Sobre a proposta de escrita: explorando o universo dos sonhos

Nesta proposta de escrita, convidamos, vocês, jovens escritores, a explorarem o gênero crônica por meio de uma de suas facetas mais interessantes. O recorte temático escolhido para a escrita foram **os sonhos** e é preciso considerar que eles podem ser entendidos como janelas que permitem acessar nossos pensamentos mais profundos e, muitas vezes, transformam-se em experiências reflexivas, humorísticas, líricas, amorosas, críticas... Há uma série de recortes a serem explorados, sejam criativos!

Um ótimo exemplo para inspirá-los é a crônica *Sonho*, do renomado cronista brasileiro Rubem Braga e *História de Sonho*, da cearense Rachel de Queiroz

Rubem Braga explora uma sensação de que todos compartilhamos ao menos uma vez em nossas vidas: “isso realmente aconteceu ou estava sonhando?” ou “esse momento está tão perfeito que devo estar sonhando”.

Já Rachel de Queiroz aborda o desejo manifestado em sonho. E, posteriormente, as sensações advindas de um sonho transportados para a realidade após acordarmos.



Texto I:

Sonho

Rubem Braga. In *Correio da Manhã Rio de Janeiro*, em 17 de janeiro de 1954.

Era um sonho e eu tinha o sentimento de que estava sonhando ou de que parecia um sonho ou revivia um momento antigo – talvez eu tivesse dezoito anos e descesse a rua da Bahia na madrugada escura e gelada de inverno a caminho do quartel, na minha farda de linha de tiro, na Belo Horizonte de antigamente, e senti que ela andava a meu lado, e isso era um milagre, entretanto ela conversava comigo amorosa e natural, e eu a achava singela e muito alta, não sei porque me parecia que seus seios antes não eram assim tão pequenos, redondos e sobretudo altos sob o vestido branco. Ela dava largas passadas e me segurava um braço rindo, cantando – “marcha soldado, cabeça de papel”! Seu riso era muito claro e tinha alguma coisa de riso de menina, e ela se dizia minha noiva.

A rua estava deserta, o bar Trianon estava fechado, nossos passos cantavam na calçada e ainda havia estrelas no céu. Eu tinha o sentimento vivo de que estava sendo feliz, agora ela marchava assobiando - haveria também um pedaço de lua e parecia que a lua se movia com o nosso movimento, se balançando suavemente no céu.

Olhei-a, e vi uma claridade leitosa banhando seu ombro e sua garganta; no fundo, estrelas. Apertei o seu braço no meu, alarguei as passadas, ela acertava o passo, rindo, de repente disse – “olha”!

Senti alguma coisa triste em sua voz, pressenti que ia acontecer uma tristeza, no mesmo instante senti pena de mim eu estava tão feliz marchando a seu lado, eu a sentia tão minha e achava tão justo que ela tivesse me aparecido, marcharíamos eternamente, tão jovens e amigos pelas ruas do mundo – andaríamos em Paris, em Cachoeiro, na praça de Pelotas, em Roma...

Olhei, era apenas a noite, as estrelas tremiam, em algum lugar um pássaro piava. Então me voltei e havia muitas pessoas, um sujeito do Banco da Lavoura, um colega do Tiro de Guerra, um capitão da FEB e um político do PRM e eles todos me olhavam com estranheza, as portas do Trianon estavam abertas, havia sujeitos parados me olhando, um era Edgard Andrade, outro parecia Jarbas, mas não era Jarbas do Amaral Carvalho. Perguntei – “que horas são”?

Sampaio me disse que eu estava todo sujo de batom e minha roupa estava amassada e suja, os punhos de minha camisa estavam negros.



"Por que você está assim?", me perguntavam. Eu, então, disse o nome de minha namorada, disse que eu estava com ela naquele instante mesmo, naquela noite mesmo. Então alguns riram, muitos repetiram o nome de minha namorada, alguém disse: "ela foi-se embora ontem!" – outro o olhou irritado – "ontem, não, anteontem!" Ela tinha partido para o Rio, depois iria à Europa, e fui submetido ali mesmo, sob a forte luz do sol, de encontro a um muro, a um desagradável interrogatório, havia um jovem repórter de nariz grande e óculos que tomava notas, ia sair no jornal assim: "ficou apurado que o indivíduo Rubem Braga tinha vagado pelas ruas durante dois dias e duas noites e estava maltrapilho, em situação lamentável..." Eu tive vontade de dizer àquele repórter que não era um indivíduo, eu também era jornalista, havia pessoas nos jornais que me conheciam, como Newton Prates e Otavio Xavier Ferreira.

Mas o diretor do ginásio me olhava severamente e seus óculos faiscavam de grave reprovação: "o senhor, filho do coronel Braga, que vergonha!" Senti-me infame, mas sobre todas as humilhações me deu de repente a grande tristeza, o grande desespero dela haver partido, estar tão longe, sem sequer se lembrar de mim, e desabei em desgraçado pranto.

Texto II:

História de **Sonho**
Rachel de Queiroz

Esta noite sonhei com Portugal. Queria saber contar sonhos, porque foi um sonho bonito. O medo que a gente tem (embora na aparência se trate apenas de um sonho inocente e até lírico), o medo são os amigos interpretadores, capazes de tirar uma história de sete cabeças do sonho mais inofensivo. Hoje em dia não há quem não tenha as suas tinturas de psicanálise e não entenda de sonhos; e o resultado é que ninguém mais sonha com receio dos freudistas. E quanto bom palpite, quanta centena e milhar de sorte por culpa disso não se perderá?

Pois como dizia, sonhei com Portugal. Não via mapa, nem letreiro, nem explicação formal, mas que era Portugal, não tinha dúvida. A gente ia num barco por um rio tranquilo, muito largo e com pedras à margem. E aos poucos se avistava uma cidade ou aldeia com casas antigas, abarracadas, subindo um morro; e eram tantos os pomares que de repente o rio se afundava entre as árvores e se virava num riachinho à toa depois já não tinha riachinho, nem barco, nem nada, a gente estava dentro de uma das casas do lugar, na sala grande com móveis pesados de talha, e umas cortinas vermelhas de veludo. E na sala estavam duas velhas e um velho, sendo que uma das velhas se sentava numa cadeira de balanço e tinha um gato branco no colo. Os três falaram



comigo, e eu sei que me sentia mal por haver penetrado ali naquela sala particular e tão tranquila sem pedir licença, mas a velha de pé me tranquilizou – talvez dissesse que era costume receberem turistas; a velha sentada não dizia nada, continuava se embalando e sorrindo. Depois os três iniciaram uma história, mas era muito aflitivo porque eu não conseguia entender quase nada do que eles diziam; só me dava a impressão de que era fala das fitas de cinema português, cujo diálogo a gente nunca sabe se compreende tão mal porque é mesmo difícil de entender a língua deles ou se é porque o aparelho de som está ruim. Aliás, lembrando bem, eles falavam mesmo com voz de cinema, tinha até uma música de fundo. E aí eu perguntava à senhora da cadeira de balanço quanto é que custava uma casa naquela aldeia – assim bonita e antiga como aquela. E ela respondeu um preço que não recordo, mas que achei muito barato; se bem que a velha falasse em escudos – mas decerto no sonho eu entendia de câmbio de escudos, porque só o que me espantou foi a barateza do preço. Fiz então umas contas de cabeça, calculei que vendendo isto e aquilo aqui no Brasil dava para comprar aquela casa. Sim, aquela. Com a intensidade maior da minha vida, embora eu não tivesse coragem de o dizer às velhas, assaltara-me a cobiça de ser dona da casa delas, daquela e nenhuma outra – com aqueles móveis, e a pequena escada sumida na sombra da sala grande, e os três velhos e a cadeira de embalo com o gato branco.

Nesse ponto o sonho entrou a escurecer e a confundir, esfumou-se em fade out e não sei se acordei logo, ou se cai num sono pesado e sem consciência de nada. Só sei que me levantei de manhã com o mesmo desejo no coração, e por mais que as horas se passem ainda tenho presente na lembrança as mãos claras da velhinha, e a vista que se enxergava da janela e o soalho da casa de tábuas areadas e bem largas.

Conto este sonho à toa. Mesmo porque diz que é tolice contar sonho. Mas diz também o povo que a gente não contando ele não acontece. E a verdade é que eu queria satisfazer este sonho, descobrir aquela casa, aquele rio, aquelas velhas. E conversar outra vez com elas, prestando bem atenção, para consertar esta angústia de não ter entendido as palavras que elas me disseram com o aparelho do som funcionando tão mal. Porque parece que era coisa importante, coisa essencial que eu ouvisse e entendesse. Depois o desejo de ver Portugal. Embora, como já foi dito acima, ninguém me dissesse que era Portugal – não tinha placa explicando, nem vinhedos, nem trigais, nem cachopas. Só sabia que aquilo era Portugal, uma espécie de Pasárgada de identificação absoluta no meu coração. E por sinal, quando o rio se estreitava em riacho e se metia entre pomares, as árvores eram tão densas e sombrias que mais parecia a mata amazônica. Mas não adiantavam esses disfarces amazônicos, pois com árvores ou sem árvores, nem um segundo deixei de saber que aquilo era Portugal mesmo, país onde nunca estive e que talvez morra sem ver. E também agora me lembro que não teria areias - ou teria? À margem do rio, teria praias de areia, areias de Portugal? Ou talvez não as tivesse, porque afinal de contas sonhei com rio e não com mar. E as areias de Portugal são as areias do mar.



Também ninguém pense que estou inventando um apólogo, que no fim haverá uma moral ou uma explicação. É um sonho e nada mais, naturalmente anárquico e sem sentido. Já falei que o conto à toa - fazendo um papel que nunca fiz, imagine contar sonho, tanta tolice sem sentido. Mas me deixou melancólica e cheia de saudades, incapaz de escrever coisas sensatas, como seria da minha obrigação. E o fato é que não consigo tirar da cabeça, nem a casa velha, nem as senhoras idosas, nem o gato branco e a cadeira. Sempre fui pessoa de poucos sonhos, acordados ou dormidos. Sempre me satisfiz com o meu pedaço de pão e jamais cobicei a galinha gorda dos outros. Mas me parece que hei de morrer de paixão se não comprar um dia aquela casa. Pois tanto a casa como a sala hão de existir em algum lugar, não acredito que o meu sonho as inventasse assim, lhes erguesse as paredes caídas, e compusesse os florões dos móveis de talha, e até as franjas de borlas das cortinas vermelhas. E as velhas, então, as velhas. Ah, esqueci de dizer que o velho sumiu, no próprio momento em que falavam a conversa que não consegui entender: de repente só se viam as duas senhoras, não havia mais o velho debruçado à janela que cheirava a jasmim. Também esqueci de contar este detalhe da janela com o iasmim. Era uma das coisas mais agradáveis dali aquele jasmim-estrela miúdo e de cheiro, cuja massa verde se amontava contra a parede do oitão, desprendendo galhos finos janela adentro. O gato não miava nem se movia; nem sequer ronronava, agora recordo bem. Quem sabe se estava morto ou empalhado? E, meu Deus, será azar sonhar com gato empalhado? O que vale é que embora empalhado ou morto, era branco e não preto. Azar de gato preto não precisa ninguém dizer, é coisa sabida e antiga. Branco, não; branco, sendo o contrário do preto, naturalmente dá sorte, vivo ou morto, que isso de vida e de morte não faz grande diferença em matéria de azar.

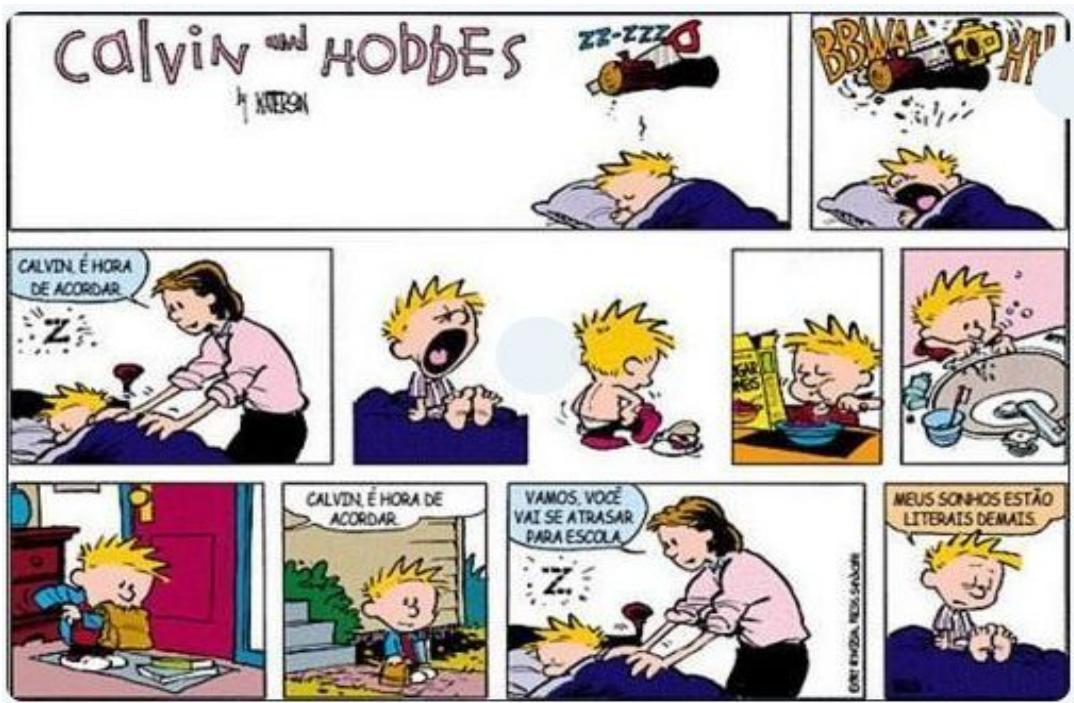
E pode ser muito bem que, sendo caso de intuição, ou segunda vista, ou lembrança subconsciente - sei lá, há muitos nomes para essas coisas - talvez alguém conheça o lugar ou as pessoas e queira me contar onde fica. Alguém que tenha paciência de ler isto tudo até o fim. Quem não tiver paciência de ler, o que é justo, mude a vista; há muita coisa no jornal, tanta colaboração de primeira; passe adiante que ninguém repara, nesse ponto o país ainda é livre, pessoa nenhuma é obrigada a ler o que não gosta, graças a Deus.

Confira na próxima página os critérios sob os quais o seu texto será avaliado.



Texto II:

Bill Watterson, in "O Livro dos Domingos de Preguiça de Calvin e Haroldo". Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/editora-conrad-vai-publicar-mais-dois-livros-9ynuhzz7gdc6hfxlayr545zdo/> <>
>. Acesso em 31 agosto. 2023



Texto III:

A metamorfose (trecho)

Franz Kafka. Trad. Modesto Carone. Companhia das Letras, 1997.

“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo do qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha. Suas numerosas pernas, lastimavelmente finas em comparação com o volume do resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos. - O que aconteceu comigo? - pensou.



Não era um sonho. Seu quarto, um autêntico quarto humano, só que um pouco pequeno demais, permanecia calmo entre as quatro paredes bem conhecidas. Sobre a mesa, na qual se espalhava, desempacotado, um mostruário de tecidos – Samsa era caixeiro-viajante –, pendia a imagem que ele havia recortado fazia pouco tempo de uma revista ilustrada e colocado numa bela moldura dourada. Representava uma dama de chapéu de pele e boá de pele que, sentada em posição ereta, erguia ao encontro do espectador um pesado regalo também de pele, no qual desaparecia todo o seu antebraço.

O olhar de Gregor dirigiu-se então para a janela e o tempo turvo - ouviam-se gotas de chuva batendo no zinco do parapeito - deixou-o inteiramente melancólico.

– Que tal se eu continuasse dormindo mais um pouco e esquecesse todas essas tolices? - pensou, mas isso era completamente irrealizável, pois estava habituado a dormir do lado direito e no seu estado atual não conseguia se colocar nessa posição. Qualquer que fosse a força com que se jogava para o lado direito, balançava sempre de volta à postura de costas. Tentou isso umas cem vezes, fechando os olhos para não ter de enxergar as pernas desordenadamente agitadas, e só desistiu quando começou a sentir do lado uma dor ainda nunca experimentada, leve e surda.”

Confira na próxima página os critérios sob os quais o seu texto será avaliado.





Descritores para a avaliação da crônica		
Critérios	Pontuação	Descritores
Pertinência ao tema	1,0	A crônica se reporta de forma singular a algum aspecto do cotidiano em que se evidencia o diálogo com o tema do concurso?
Adequação ao gênero	2,0	Adequação discursiva <ul style="list-style-type: none"> • O texto apresenta detalhes do cotidiano a partir de uma perspectiva pessoal e/ou inusitada do autor? • O fato narrado foi descrito de modo interessante para o leitor a que se dirige? • As ideias e conteúdos apresentados contribuem para a construção do tipo de crônica escolhido e solicitado pela proposta?
	3,0	Adequação linguística <ul style="list-style-type: none"> • A situação que gerou o texto foi narrada de maneira clara para o leitor? • Os recursos linguísticos selecionados (vocabulário, figuras de linguagem etc) contribuem para a construção do tom visado (irônico, divertido, lírico, crítico)? • O texto é coeso? Os articuladores textuais são apropriados ao tipo de crônica e são usados adequadamente?
Marcas de autoria	3,0	<ul style="list-style-type: none"> • O autor se posiciona como alguém que quer surpreender o público para o qual escreve, com um olhar próprio e peculiar sobre algo cotidiano e conhecido? • As ideias e conteúdos apresentados estão organizados para seduzir, fazer refletir, mobilizar, criar cumplicidade com o leitor? • O título da crônica motiva a leitura?
Aspectos gerais de gramática e ortografia	1,0	<ul style="list-style-type: none"> • O texto atende às convenções da escrita (morfossintaxe, ortografia, acentuação e pontuação)? • Quando há rompimento das convenções da escrita, isso ocorre a serviço da construção de sentido do texto?

